

**DOCUMENTO
ORIENTADOR
CGEB**



REPLANEJAMENTO 2017
CORRIGINDO RUMOS

31 de agosto e 01 de setembro de 2017

SÃO PAULO
Agosto de 2017



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

GOVERNADOR

Geraldo Alckmin

Vice-Governador

Márcio França

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

Secretário da Educação

José Renato Nalini

Secretário Adjunto

Francisco José Carbonari

Chefe de Gabinete

Wilson Levy Braga da Silva Neto

Coordenadoria de Gestão da Educação Básica – CGEB

Valéria de Souza

Departamento de Desenvolvimento Curricular e de Gestão da Educação Básica – DEGEB

Regina Aparecida Resek Santiago

Equipe Técnica:

DEGEB: Marcela Mitie de Souza Magari Dias, Roberto Hipólito Junior, Rosângela Robles Affonso, Uiana Maria Pereira de Araujo, Valéria Arcari Muhi, Vanessa de Brito Silva;

CEFAF: Herbert Gomes da Silva, Eleneide Gonçalves dos Santos, Flávia Emanuela de Luca Sobrano, Aidê Magalhães Benfatti, Ana Joaquina Simões Sallares de Mattos Carvalho, Andréia Cristina Barroso Cardoso, Angela Maria Baltieri Souza, Carlos Eduardo Povinha, Carolina dos Santos Batista Murauskas, Dayse Pereira da Silva, Durcilene Maria de Araújo Rodrigues, Edimicio Flaudisio Silva, Edison Luiz Barbosa de Souza, Elaine Aparecida Barbiero, Eleuza Vania Maria Lagos Guazzelli, Elidameres Gonçalves Batista, Emerson Costa, Gisele Nanini Mathias, Helena Claudia Soares Achilles, Inelice Aparecida Fraga Ferreira, Ítalo de Aquino, Jaqueline Moratore, João dos Santos Vitalino, Jucimeire de Souza Bispo, Katia Vitorian Gellers, Luciana Virgílio de Souza, Mara Lúcia David, Maria Aparecida Ceravolo Magnani, Maria Cecilia Travaim Camargo, Maria Elisa Kobs Zacarias, Maria Inês de Fátima Rocha, Maria Silvia Sanchez Bortolozzo, Mirna Léia Violin Brandt, Otávio Yoshio Yamanaka, Paula Ramos Calvoso, Paulo Andrade

Cordeiro, Renata Cristina de Andrade Oliveira, Rosângela Aparecida de Paiva, Roseli Gomes de Araújo da Silva, Sandra Maria Fodra, Sérgio Luiz Damiani, Sérgio Roberto Silveira, Tânia Gonçalves, Teônia de Abreu Ferreira, Teresinha Morais da Silva; Thiago Teixeira Sabatine, Vanderley Aparecido Cornatione, Vanessa de Almeida Reis;

CEFAI: Sonia de Gouveia Jorge, Adelaide Fernandes Batista Cipriano, Andréa Fernandes de Freitas, Edimilson de Moraes Ribeiro, Fabiana Cristine Porto dos Santos;

CETEC: Camila Aparecida Carvalho Lopes, Douglas Alves Almeida, Eva Margareth Dantas;

CPRESP: Luciene de Cássia de Santana, Neli Maria Mengalli, Sonia Maria Brancaglioni;

CEPQM: Selma Denise Gaspar, Douglas Luiz da Costa, Renata Libardi;

CEJA: Virginia Nunes de Oliveira Mendes, Adriana dos Santos Cunha, Luiz Carlos Tozetto;

CAESP: Cristiano de Almeida Costa, Carolina Bessa Ferreira de Oliveira, Carolina Lourenço Reis Quedas Catelli, Danilo Namó Costa, Edda Ehrmann, Erick Zordan, Fabíola Ferreira do Nascimento, Glenda Aref Salamah de Mello Araújo, Julieth Melo Aquino de Souza, Maria de Fatima Pardo, Rafael Bruno Lopes Salgado, Renato Ubirajara dos Santos Botão, Silvane Aparecida da Silva Queiroz Norte, Tania Regina Martins Resende, Vivian de Almeida.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	6
2. INTRODUÇÃO	7
3. UMA ESCOLA ORGÂNICA.....	8
4. CORRIGINDO RUMOS.....	10
5. POSSIBILIDADES DO COMO FAZER.....	15
6. APRENDIZAGEM EM REDE.....	17

1. APRESENTAÇÃO

Este documento tem como propósito subsidiar a reflexão da equipe escolar a respeito das ações desenvolvidas no primeiro semestre sobre o processo de ensino e de aprendizagem.

Para um começo de conversa, vale retomar o caminho que percorremos até o momento.

Primeiramente, iniciamos o ano letivo de 2017, planejando e elaborando um plano de ação com base nos indicadores de 2016. Promovemos o acolhimento dos estudantes e professores; organizamos atividades intensivas para apoiar as aprendizagens¹ dos estudantes que enfrentaram dificuldades no ano anterior e também para “reaquecer os motores” da aprendizagem daqueles que retornavam das férias escolares.

Ao longo do primeiro semestre, a escola produziu indicadores a partir de suas avaliações e seus registros, constituindo-se em significativo potencial para rever percursos e promover ações de apoio às aprendizagens definidos pela equipe escolar durante as aulas de trabalho pedagógico coletivo – ATPC. Houve também a aplicação da 15ª edição da avaliação da aprendizagem em processo – AAP.

No início do segundo semestre, houve uma semana intensiva, constituída por atividades desafiadoras, integrando estratégias diversificadas como apoio às aprendizagens. Em seguida, ocorreu a aplicação da 16ª edição da AAP. Estas duas ações produziram novos indicadores, que devem integrar-se àqueles produzidos no primeiro semestre para subsidiar as reflexões da equipe escolar no Replanejamento² e, por conseguinte, a elaboração do plano de ação, que servirá como base para os últimos três meses do ano letivo.

Neste contexto, o presente documento suscita questões que serão discutidas no Replanejamento, possibilitando a análise desses indicadores, com vistas à elaboração de um plano de ação que assegure, em especial, duas estratégias na escola: uma que seja capaz de dar continuidade ao ritmo das atividades planejadas para o desenvolvimento do currículo e outra que acelere as experiências de aprendizagem e desfaça possíveis lacunas, possibilitando, ao conjunto de estudantes que tem enfrentado dificuldades, um avanço na sua progressiva e contínua trajetória escolar.

¹ Desenvolvimento e valorização de todas as competências intelectuais: corporais, pictóricas, espaciais, musicais, inter e intrapessoais, além das linguísticas e lógico-matemáticas. Disponível em <<http://mathema.com.br/reflexoes/aprendizagem-significativa-o-lugar-do-conhecimento-e-da-inteligencia-2/>>. Acesso em: 02.Ago.2017.

² Indicadores resultantes de outras ações e eventos na escola também podem contribuir para a reflexão no momento do replanejamento, como, por exemplo, programas e projetos desenvolvidos na escola em consonância com a proposta pedagógica.

2. INTRODUÇÃO

No cotidiano escolar, muitas vezes, as urgências acabam sendo priorizadas. Entretanto, a proposta, neste momento dedicado ao replanejamento, é redirecionar o olhar e refletir sobre os aspectos da gestão pedagógica na perspectiva do que é importante e possível executar, no segundo semestre, para alcançar os resultados almejados.

Nesse sentido, a equipe escolar precisa organizar os fluxos de trabalho típicos da rotina, mas, sobretudo, analisar os resultados obtidos, tanto nas avaliações internas da escola quanto nas avaliações externas, que se encontram na Plataforma Foco Aprendizagem, para elaborar, executar e monitorar o plano de ação, com vistas às metas estabelecidas para este ano. Nessa perspectiva, a ação de replanejar se constitui em planejar atividades ou projetos para apoiar as aprendizagens, sem perder de vista a continuidade das ações relativas ao desenvolvimento do currículo.

É necessário, portanto, que a gestão pedagógica – pautada pelo tempo que resta para o encerramento do ano letivo – se desenvolva com intencionalidade para corrigir rumos e com expectativas de aprendizagem e metas a serem alcançadas, visando modificar situações que precisam ser melhoradas na escola.

Em suma, todas as ações, em que se configura o replanejamento, devem estar voltadas para que as aprendizagens dos estudantes aconteçam.

3. ESCOLA: UM ORGANISMO QUE RESPIRA, PULSA E SE MOVIMENTA

Pessoas que atuam e interagem no espaço denominado escola é que a constituem como um organismo vivo. Como tal, ela assume um outro contorno com a chegada de novos estudantes, novos professores, com mudanças na equipe de gestão ou no quadro de funcionários, manifestando novos desafios. É o que faz dela um organismo que respira, pulsa e se movimenta em cadências diferenciadas a cada etapa do ano letivo. Em função disso, não podemos descuidar do clima escolar, que se faz e refaz no ambiente educativo por meio das relações interpessoais que nele ocorrem. Para promover o convívio e a interação favoráveis, é preciso desenvolver a confiança entre todos, o acolhimento, o respeito e a valorização das diferenças, utilizando o diálogo e a mediação.

Nesse contexto, o acolhimento ultrapassa o sentido atribuído às ações de boas-vindas e integração iniciais e se configura, para além delas, na definição de estratégias contínuas de uma educação inclusiva e integral, como:

- a) No apoio às aprendizagens** – por meio de uma organização diferenciada da sala de aula, pensando nos tempos e espaços adequados para as atividades de reforço e recuperação³ e também para a continuidade das atividades aos estudantes que precisam ser estimulados por novos desafios⁴, ou seja, estratégias diversificadas para atender aos diferentes grupos de estudantes que
- estão em fase de aquisição da base alfabética, bem como, aqueles que necessitam de maior atenção para o desenvolvimento da competência leitora e escritora no Ciclo de Alfabetização;
 - foram identificados, já nas atividades intensivas do início do ano, como um grupo que vem acumulando defasagens em sua trajetória escolar;
 - acompanham sem dificuldade o desenvolvimento do currículo e, para continuarem avançando, requer novos desafios;
 - são jovens transferidos do ensino regular e adultos que retornam aos estudos, na modalidade EJA, trazendo consigo expectativas diversas;

³ Atividades de apoio às aprendizagens elaboradas a partir de um conjunto de habilidades ainda não desenvolvidas ou em desenvolvimento, indicadas pela ferramenta FOCO APRENDIZAGEM.

⁴ Desenvolvimento de um conjunto de habilidades e competências relacionadas a novos conteúdos, temáticas ou objetos de ensino presentes nos materiais de implementação do currículo.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
COORDENADORIA DE GESTÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA
DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO CURRICULAR E DE GESTÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

- necessitam de atendimento especializado para fortalecer suas capacidades e/ou de ação pedagógica para promover sua integração sociocultural:
 - oriundos de população itinerante;
 - atendidos em classes localizadas em assentamentos, na zona rural, nas escolas indígenas, quilombolas, em classes hospitalares, em centros de internação e em unidades prisionais;
 - imigrantes;

- b)** Na **ATPC**, como espaço formativo e de estudo, em que aconteça a integração dos docentes, a articulação das áreas de conhecimento e que se proporcione o desenvolvimento de ações coletivas e colaborativas. Esse é um espaço de planejamento, replanejamento, acompanhamento e avaliação de toda ação educativa.

- c)** No **acompanhamento** da sala de aula – ação cuja finalidade é observar e identificar os diferentes aspectos da aprendizagem merecedores de atenção. Para tanto, a equipe escolar deve construir um roteiro de observação ou fazer uso de protocolos de acompanhamento disponíveis na plataforma *Foco Aprendizagem*⁵. O uso de instrumentos de acompanhamento das práticas de sala de aula conduz a análises claras e precisas, que permitem discussões aprofundadas e intervenções adequadas para que a escola alcance os resultados que almeja, ou seja, a aprendizagem dos estudantes.

- d)** Na **avaliação**, uma vez que o processo avaliativo acompanha toda a complexidade do trabalho pedagógico e deve partir da premissa de que todos aprendem e de que há diferentes ritmos de aprendizagem.

⁵ Disponível em <<https://focoaprendizagem.educacao.sp.gov.br/>>. Acesso em: 26. Jul. 2017.

4. CORRIGINDO RUMOS

No momento do replanejamento, propomos que o grupo-escola faça uma reflexão sobre o que foi exitoso e o que precisa ser revisto nas definições que pautaram o plano de ação⁶ elaborado no início do ano letivo, com a finalidade de corrigir rumos, propondo ações para o 2º semestre.

⁶ **Plano de ação** pode ser um instrumento simples e prático, organizado em colunas com ações, de forma detalhada, com os responsáveis, os prazos de início e de término e *status* da ação (planejada, em andamento, concluída, atrasada), que auxiliam na gestão do que foi proposto pela equipe escolar e resultante da reflexão e análise do planejamento e revisto no momento de replanejamento.

**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
 COORDENADORIA DE GESTÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA
 DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO CURRICULAR E DE GESTÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

RETOMANDO ESTRATÉGIAS		CORRIGINDO RUMOS:	
	QUAIS FORAM EXITOSAS?	QUAIS PRECISAM SER REVISTAS?	PROPOSIÇÃO DE AÇÕES PARA O 2º SEMESTRE
<p>a) Apoio às aprendizagens Estratégias e ações definidas pelo grupo escola, ao longo do primeiro semestre, para o desenvolvimento do currículo, de modo a atender as diferentes necessidades e expectativas de aprendizagem dos estudantes.</p>			

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
 COORDENADORIA DE GESTÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA
 DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO CURRICULAR E DE GESTÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

RETOMANDO ESTRATÉGIAS		CORRIGINDO RUMOS:	
	QUAIS FORAM EXITOSAS?	QUAIS PRECISAM SER REVISTAS?	PROPOSIÇÃO DE AÇÕES PARA O 2º SEMESTRE
<p>b) ATPC Formativo</p> <p>Estratégias e ações definidas pela equipe de gestão para integrar os professores em relação ao desenvolvimento do currículo, ao processo avaliativo, ao acompanhamento das aprendizagens dos estudantes.</p>			

**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
 COORDENADORIA DE GESTÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA
 DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO CURRICULAR E DE GESTÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

RETOMANDO ESTRATÉGIAS		CORRIGINDO RUMOS:	
	QUAIS FORAM EXITOSAS?	QUAIS PRECISAM SER REVISTAS?	PROPOSIÇÃO DE AÇÕES PARA O 2º SEMESTRE
<p>c) Acompanhamento da sala de aula - Equipe de gestão Estratégias e ações utilizadas para acompanhar e apoiar as práticas de sala de aula. (Avaliar o êxito ou a necessidade de rever aspectos relativos à frequência dos acompanhamentos feitos pela equipe gestora, à adequação e ao uso dos instrumentos de observação; à frequência e à eficácia das devolutivas; aos encaminhamentos definidos pelos professores e equipe gestora.)</p>			

**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
COORDENADORIA DE GESTÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA
DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO CURRICULAR E DE GESTÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

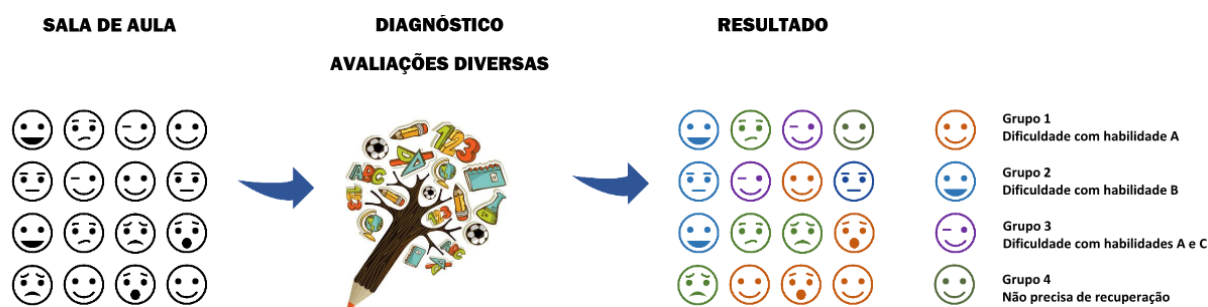
RETOMANDO ESTRATÉGIAS		CORRIGINDO RUMOS:	
	QUAIS FORAM EXITOSAS?	QUAIS PRECISAM SER REVISTAS?	PROPOSIÇÃO DE AÇÕES PARA O 2º SEMESTRE
<p>d) Avaliação</p> <p>- Estratégias diagnósticas e formativas, norteadas pela premissa de que todos precisam aprender, considerando os diferentes ritmos de aprendizagem e a diversidade entre os estudantes. (Avaliar o êxito ou a necessidade de rever as formas de avaliação utilizadas pela escola (mapas de sondagem, ciclo de atividades diagnósticas, registros de observação, produções escritas, produções audiovisuais, portfólios, avaliações bimestrais, relatórios, entre outras)</p>			

5. POSSIBILIDADES DO COMO FAZER

*O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia,
mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia
porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia.*
Alberto Caeiro⁷

Refletir sobre as proposições advindas da equipe escolar, no planejamento, é o ponto de partida para repensar a trajetória que os estudantes percorreram na construção do conhecimento, ao longo do primeiro semestre, e propor novos percursos para a prática pedagógica no 2º semestre. Essas proposições podem não ser as mais inovadoras ou as mais adequadas, mas, certamente, são a melhor opção, porque nascem do “rio que corre pela nossa aldeia”.

Assim, o planejamento representa uma primeira aproximação de estruturas adequadas a uma realidade, tornando-se, através de sucessivos replanejamentos, cada vez mais apropriado para enfrentar a problemática desta realidade. Estas medidas favorecem a passagem gradativa de uma situação existente para uma situação desejada, que se delinea por meio de uma ação docente atenta a sua prática e às aprendizagens dos estudantes, reconhecendo os diferentes itinerários e anseios que trazem consigo, observando aqueles que atingiram o esperado e têm de continuar aprendendo e aqueles que ainda estão em processo, partindo da premissa de que todos podem aprender, sem exceção, e que cada um se desenvolve de um jeito próprio, num ritmo particular.



⁷Disponível em < <http://arquivopessoa.net/textos/3555> >. Acesso em: 31.jul.2017.

Segundo AUSUBEL e KANESIAN, (2008),⁸

[...] a existência de desempenhos diferenciados como resultados da aprendizagem leva naturalmente à inferência de que diferentes tipos de capacidades são determinados pela aprendizagem, [...], a identificação desses tipos diferentes de desempenho, juntamente aos tipos diferentes de capacidade envolvidos, sugere que há no mínimo muitos tipos diferentes de aprendizagem. E se tal ocorre, podemos supor que existe um número igual de condições de aprendizagem efetiva que corresponde a cada variedade. Uma teoria do ensino, portanto, não será plenamente útil se voltar somente para aquelas condições que são comuns a todas as classes de aprendizagem. Antes de tudo, tal teoria deve-se preocupar de uma maneira individual com cada um dos tipos de aprendizagem.

Para tanto é preciso ter clareza das hipóteses que os alunos elaboram, em função de diferentes tipos de aprendizagens que se desdobram em diferentes capacidades, na perspectiva de atender às suas expectativas, levando-os a superar os desafios na construção do conhecimento.

⁸Disponível em < <https://www.google.com.br/search?q=Teoria+e+Desenvolvimento+Curricular+-+Tipos+de+Aprendizagem+-+Ausubel&oq=Teoria+e+Desenvolvimento+Curricular+-+Tipos+de+Aprendizagem+-+Ausubel&aqs=chrome..69i57.1849j0j8&sourceid=chrome&ie=UTF-8>>. Acesso em: 02.ago.2017.

6. APRENDIZAGEM EM REDE

*Não gosto de palavra acostuada.
A minha diferença é sempre menos.
Palavra poética tem que chegar ao grau de brinquedo para ser séria.
Não preciso do fim para chegar.
Do lugar onde estou já fui embora.
Manoel de Barros⁹*

Neste momento do replanejamento é possível trazer “cenários do Tejo para desacostumar a paisagem de nossa aldeia”. Por isso, as escolas têm a possibilidade de conhecer algumas indicações elaboradas pela CGEB, com a finalidade de subsidiar a ação docente para o segundo semestre. Essas indicações estarão disponíveis na plataforma **APRENDIZAGEM EM REDE**, o link para o acesso à plataforma será divulgado em breve através de videoconferência CGEB/EFAP de lançamento.

Aprendizagem em Rede é uma plataforma digital – produto de uma parceria entre Coordenadoria de Gestão da Educação Básica e Escola de Formação e Aperfeiçoamento dos Professores do Estado de São Paulo “Paulo Renato Costa Souza” – concebida sob o conceito de **percursos formativos** que mobilizam materiais de apoio à prática gestora e docente, oriundos do acervo da SEE-SP e categorizados de acordo com critérios técnicos e pedagógicos preestabelecidos, tais como tipo e formato de material, área de conhecimento, disciplina, modalidade, público-alvo, entre outros.

Os percursos estão divididos em duas principais categorias:

- **Percursos temáticos:** você é convidado a realizar trilhas de aprendizagem alinhadas a necessidades da Rede e aos marcos do calendário escolar.

⁹ BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*. 8ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2000.

- **Percursos formativos:** você é convidado a construir sua própria trilha de aprendizagem a partir dos três eixos formativos: currículo e práticas de ensino, gestão educacional e grandes temas da educação.